

DAS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO DE CRIAÇÃO E O ENSINO DE ARTE

Claudia Marinho/ Universidade Federal do Ceará

Luciana Eloy / Universidade Federal do Ceará

RESUMO

As questões apresentadas neste artigo estão relacionadas aos processos de construção de conhecimento no campo da arte e as relações com o espaço. Tem como ponto de partida os fundamentos oferecidos pela Crítica de Processo para refletir sobre aspectos comuns entre os ambientes de interações propostos pelo artista e pelo professor de arte, pelo viés da articulação dos conceitos de “espaço de criação” e de “professor em rede” a partir de uma perspectiva de mobilidade e *espaço relacional*. Busca-se fundamentos para uma abordagem do conhecimento sobre a arte numa perspectiva que se aproxime das dinâmicas de produção do conhecimento pelo viés do fazer arte.

PALAVRAS-CHAVE

arte; ensino; espaço; processo de criação; rede.

ABSTRACT

The questions raised in this article are related to processes of knowledge construction in the field of art and its relations with space. It has as a starting point the fundamentals offered by Process Critic to reflect on the common aspects between interaction environments proposed by the artist and by the art teacher through the bias of the articulation of two concepts, “creation space” and “network teacher” from a perspective of mobility and relational space. The main purpose is to search fundamentals for a knowledge approach to art in a perspective that moves closer to the dynamics of knowledge production through the bias of the artistic making.

KEYWORDS

Art; teaching; space; process of creation; network.

Apresentação

Este artigo apresenta notas sobre os processos de ensino no contexto da arte, tendo em vista as conexões entre espaço e criação e uma abordagem dos conteúdos da arte numa perspectiva que se aproxime das dinâmicas de produção do conhecimento pelo viés do fazer arte. Coloca questões que foram formuladas pelas autoras durante o período de estágio docência - atividade prevista pelo mestrado do PPG Artes da Universidade Federal do Ceará para a obtenção do título de mestre - a partir da proposta de construção de um pensamento ancorado nas aproximações entre pesquisa e ensino, graduação e pós-graduação, fazer e pensar arte.

Apresentamos como proposta a articulação das noções de “espaço de criação” e “professor em rede”, para definir um contexto de reflexão que possibilite identificar aspectos comuns entre os ambientes de interações propostos pelo artista e pelo professor, a partir de uma abordagem processual.

Busca nos fundamentos oferecidos pela Crítica de Processo (Salles, 2013) e na identificação das formas de apropriação dos lugares pelo artista e pelo professor – considerando suas experiências cotidianas, seus processos de subjetivação e os modos que empregam para articular discursos e ações, uma oportunidade para ampliar as discussões sobre o ensino da arte.

A Crítica de Processo é a disciplina que estuda, estritamente, o conjunto de documentos que emergem dos processos de criação em diferentes campos do saber – literatura, artes visuais, cinema, fotografia, ciência, - ou seja, foca nos meios empregados pelos produtores para elaborar um processo, até chegar a uma forma que satisfaça. Estes vestígios são interpretados pelo pesquisador a partir das relações que estabelecem entre si, as transformações que sofrem nas relações de cada um com todo o processo (Salles, 2008).

O pensamento de Cecilia Almeida Salles (2008) está articulado neste ensaio pelo viés da noção de criação como “ação comunicativa”, ao descrever a rede de criação do artista como produto de processos de inferências e articulação de ações que transformam os espaços e criam contextos. Olhar para as conexões entre as ações

e pensamento, como operadas pelo professor em rede e pelo artista, pode evidenciar um pensamento em construção, legitimado pela interatividade e dinamicidade da rede; e a proposição de ambientes relacionais.

Salles (2008) explica o processo de criação do artista como um processo dinâmico, contíguo e inferencial, pois se dá na relação entre registros (anotações, esboços, discursos, conversações, ações etc.) e obra entregue ao público. É nas interfaces dessas relações que se evidencia um pensamento em construção, potencializando a obra como um processo em construção, em mobilidade e sempre em direção ao futuro.

Isso introduz uma reflexão de artista para além de simples “produtor” de obra, mas no lugar de um produtor de pensamento e a arte no lugar de um conhecimento dinâmico, por ser produzido nos fluxos da experiência. De acordo com Salles, esse aspecto se liga ao conceito de *ação transformadora*, que parte da ideia de artista como um conhecedor do mundo, ao realizar sondagens, coletas de dados, geração de arquivos, para em determinados momentos da criação, lançar mão, combinar, reorganizar e reconfigurar o que pode vir a se materializar numa obra ou simplesmente se constituir como o processo poético do artista e em outros processos em direção a outras obras. A *ação transformadora* é, portanto, parte do processo de criação, confirmando que a criação não se reduz à obra em si, mas ao todo como um percurso de criação, através de um “conhecimento obtido por meio da ação” (SALLES, 2013, p.17).

O termo espaço, neste sentido, antes de definir a construção concreta de um local, qualifica o produto de produções discursivas (redes-conectividades) realizadas pelo artista e pelo professor em rede, como termo facilitador das relações que deve estabelecer para a proposição e articulação de ideias, mais dinâmicas, processuais entre poética, e menos como planos ou programa.

Esta noção esta suposta nos processos do professor em rede, ao inventar formas de provocar o conhecer, o que significa operar nos espaços da rede. A perspectiva de um ambiente complexo no qual as proposições ganham o sentido de mobilidade e dinamicidade, ativa os fluxos das ações de ensino e provoca interações entre os

sujeitos, são consideradas para pensar os vínculos necessários para a produção do conhecer.

Espaço de criação

O conceito de espaço de criação esta inserido nos estudos sobre processo e investe em uma abordagem das marcas deixadas nos lugares e nos objetos pelo artista, como relato dos percursos dos processos criativos. Quando visitamos ateliês, oficinas, estúdios, laboratórios, identificamos os limites de um espaço qualificado, no interior do qual, objetos e ações são dotados de um valor, aquele que os processos de trabalho emprestam.

Implica na compreensão de que o dado de inventividade do fazer artístico revela-se na invenção de métodos, discursos, ferramentas e procedimentos os quais, traduzidos pela configuração de novas formas de pensar o espaço, os lugares que o artista cria e aqueles de que se apropria por conta da produção, sua obra como documento de processo.

A expressão “documento de processo” foi cunhada por Salles quando, nos estudos de caso realizados pelo Centro de Estudo de Crítica Genética, as notações dos escritores, juntaram-se aos esboços de artistas visuais, maquetes de arquitetos, roteiros de filmes, negativos fotográficos, dentre outros registros de processo. O conceito de espaço de criação traz como contribuição a inclusão dos lugares nesta lista de documentos.

Como consequência, a definição de estratégias investigativas que possibilitassem compreender quais elementos devem ser identificados e quais conceitos acionados para refazer e compreender a rede do pensamento do artista, tendo em vista, as mudanças ocorridas nas dinâmicas do espaço durante o desenvolvimento dos processos do artista.

Os documentos de processo, independente de sua materialidade, contêm sempre a ideia de registro e descrevem os recursos que são inventados e inventariados pelo artista para guardar, traduzir e partilhar suas ideias. Qualificar as relações do artista com o espaço possibilita, portanto, uma abordagem do fazer do artista pelo viés de

mobilidade (dos processos que o engendra), bem como a identificação dos saberes que emergem dos processos criativos, em relação às dinâmicas do cotidiano.

A partir do estudo dos ateliês de Regina Silveira e Evandro Carlos Jardim, acionamos as noções de casa, de oficina e de laboratório, para descrever de que forma pode se dar os processos de apropriação dos espaços cotidianos pelo artista. A partir destas noções, identificamos as formas de apropriação dos espaços - como operações da memória e subjetivações (casa), pelo viés de operações construtivas e articulação dos objetos (oficinas) e a revisão destes mesmos parâmetros (laboratório) – tendo em vista que seria o espaço de criação um contexto qualificado, por ações que compreendem desde um passeio pela cidade (espaço de devaneio) e até mesmo como uma oportunidade para que o artista confronte-se com o real e ponha a prova suas ideias, experiências coletivas e particulares.

Neste ensaio, a noção de espaço de criação é acionada para descrever que as ações do artista e do professor em rede sobre os espaços – para constituir novos espaços – estariam pautadas na própria realidade dos processos, que constituiria matéria e oportunidade para construir um pensamento criativo. O que significa produzir conhecimento e promover reflexões. Sendo assim, o espaço de criação pode ser definido a partir das construções (físicas e conceituais) que o artista e o professor em rede operam para a delimitação de contornos no interior dos quais ele possa realizar seu trabalho, trocar, construir memória e alimentar seus repertórios formais e poéticos.

Professor em rede

O conceito de professor em rede é objeto de pesquisa sobre processo de produção do conhecimento em arte. É produto de reflexão crítica sobre ações e processos cognitivos desenvolvidos por um agente que qualificamos “professor em rede”, a partir de percursos, experiências e procedimentos agenciados com outros no espaço, como possíveis alternativas de ações geradoras de sentido no ensino em arte.

A produção do conhecimento em arte refletido através do processo do artista

Para o professor em rede interessa o campo da arte, não apenas como atravessamento histórico, mas, sobretudo a arte como uma área de conhecimento constituído como ação, que pode ser ainda refletido como “acontecimento” provocador de questões, interações e reflexões de mundo. Nesse sentido, acontecimento, se reflete como experiência, a qual se engendra desde o processo de produção da obra, onde o artista desenvolve relações de sentido no percurso de criação, até seu encontro com o observador. O que envolve as estratégias e modos de evidenciar a produção artística (curadoria): atividade que reflete na recepção desse observador, como resignificador da obra de arte na experiência estética agenciada no espaço.

Todos esses elementos (processo de criação do artista, curadoria, experiência estética e espaço) são imprescindíveis para a constituição dos processos acionados pelo professor em rede, que os utiliza como recursos em suas propostas de produção do conhecimento em arte, constituídos numa relação de semelhança aos processos da criação artística. Partindo da ideia de que o “ato de criar” do artista se realiza na experiência, para o professor em rede o ato de “falar sobre a criação” é produzido numa relação de equivalência, observando e reativando em seus processos cognitivos aspectos envolvidos no processo de criação.

A necessidade de articular um pensamento em arte como processo, numa relação com os modos de produzir do artista, aproxima os alunos de um pensamento em arte contemporânea. Ajuda a compreender a ideia de que as linguagens artísticas, técnicas, fazeres e saberes envolvidos na produção transbordaram os modelos estéticos assimilados até o modernismo, permitindo a contaminação das formas de produzir em arte e do artista com o mundo.

Por mais que as aulas abordem conteúdos históricos, as estratégias criadas pelo professor em rede buscam constantemente envolver procedimentos que criem vínculos com as perspectivas de processo da produção artística contemporânea. O mesmo ocorre com as estratégias de curadoria, como formas de evidenciar essa produção no contemporâneo. Nesse sentido, os procedimentos utilizados pelo professor em rede, se preocupam em articular um pensamento em arte, criando relações entre a produção, contexto histórico e ainda em aproximar os alunos das

formas de produzir do artista e dos meios como a arte se apresenta ao mundo.

A partir desses procedimentos, o professor em rede convida os alunos para ações que promovam um olhar para o mundo e para o cotidiano ao percorrerem espaços da cidade e se deixarem atravessar pela experiência que lhes passa. Uma estratégia que busca olhar e dialogar com outros aspectos da criação, entendendo o artista como um conhecedor. Alguém que produz a partir de uma sondagem e decodificação do mundo. Lugar em que está repetidamente estabelecendo conexões entre o “pensar” e o “fazer”, produzindo um conhecimento estreitamente relacionado à sua forma de agir. Sobre esse aspecto, Salles afirma ser a criação artística um “conhecimento obtido por meio da ação” (2013, p.127). Um processo cognitivo refletido através da perspectiva da *ação transformadora* (SALLES, 2013), que aborda o *processo criador* como um caminho tradutório em direção à criação, colocando o artista em constante prática do simbólico, considerando que seu processo passa por uma permanente transformação poética.

Para refletir sobre esses dois contextos que se atravessam aos processos de produção do conhecimento do professor em rede (o ensino em arte refletido a partir dos processos de criação do artista), dialogamos com as contribuições de Salles para a Crítica de Processo, como ideias chave para essa reflexão. Nesses estudos a autora produziu uma abordagem para pensar os processos de criação em arte numa perspectiva de mobilidade, esclarecendo que “não se trata de um roteiro da criação, mas da apresentação de aspectos, segundo observações, envolvidos em processos criadores” (SALLES, 2013, p31). Desse modo a abordagem de Salles, abre espaço para investigações como a do professor em rede, que dialoga com a prática artística e visa ampliar as discussões sobre processos de criação, refletidos numa perspectiva de rede.

A rede de relações e seus agenciamentos com o espaço

A noção de rede discutida por Salles (2008) aborda algumas propriedades intrínsecas desse ambiente complexo, associada à sua condição de *interatividade, simultaneidade e dinamicidade*. Todas impulsionadoras do caráter relacional desse ambiente. Salles aborda essas características, para aprofundar seus estudos sobre o processo de

criação artística, no qual considera a rede um conceito indispensável para falar dos “modos de desenvolvimento de um pensamento em criação”. (2008, p. 26).

Um pensamento que se constrói por “entre” as mais variadas instâncias do processo de criação do artista, evidenciado nas inter-relações, ou seja, nas conexões “entre” uma inferência e outra produzida no processo: registros, esboços, coletas, ações, etc. Assim, o que se constitui como criação são fluxos em constante mobilidade, que produzem nexos nessas cadeias de conexões em rede, gerando relações de sentido em direção à obra e ao processo poético do artista, o qual Salles (2013) nomeia de *percurso criador*. Desse modo, a autora acrescenta que “a obra vai se desenvolvendo por meio de uma série de associações ou estabelecimento de relações” (2008, p. 27). Um pensamento que reposiciona a ideia de obra como produto final, lugar onde se encerram todas as suas significações, para a ideia de obra como processo e processo como obra.

De forma análoga o professor em rede propõe aproximar seus processos de produção do conhecimento em arte aos processos da criação artística, apresentando proposições que operam numa perspectiva de mobilidade e em rede. Para isso, é preciso compreender a aula como uma proposição que se reconfigura e reativa seus sentidos em outros contextos. Melhor dizer, em outros espaços, sejam eles físicos, subjetivos ou relacionais. Dessa forma, os nexos gerados numa aula, podem ser reavivados em experiências produzidas em outros espaços: museus, coleções de arte, galerias, ateliês de artistas e feiras de arte. Espaços onde a produção artística se apresenta aos alunos como conjuntos de significações da arte, potentes para a produção de múltiplos sentidos. Nesses percursos os exercícios de visualização e experimentações no espaço, se ativam estimulando e potencializando a experiência estética.

Outras formas de reconfiguração da aula ocorrem nos “espaços entre”, entendidos como espaços de transição que atravessam os percursos em mobilidade do professor em rede. Constituem-se como espaços inusitados, aparecem espontaneamente e são explorados pelo professor em rede dentro de uma estratégia de acolhimento do acaso, pois ampliam estados de percepção e sentidos pelas experiências que proporcionam. Um desses “espaços entre” será abordado

mais adiante, quando relatamos uma experiência estética ativada no corredor de uma coleção de arte.

Investigar e refletir sobre esses espaços, é fundamental para o processo de produção de conhecimento engendrado pelo professor em rede. Neles o conhecimento é produzido numa perspectiva de processo, ganha mobilidade nos fluxos das ações propostas que se configuram como discursos, falas, percursos, visualização de imagens, visitasões. Enfim são ações que geram outras ações, falas que gestam novas falas, aonde a construção de sentido é tecida nas conexões entre esses movimentos, constituindo uma ampla rede de relações agenciadas com o espaço.

Nessa perspectiva de mobilidade em que as aulas se reconfiguram em outras espacialidades e nos fluxos de sentido gerados pelos discursos em percursos, a noção de rede é vital para qualificar os processos desse professor. A rede é, é ao mesmo tempo seu espaço e modo de produção. Entendê-la por essa via de mão dupla, requer pensá-la, por um lado, como espacialidade, ou campo expandido, constituído por outros espaços: heterogêneos, múltiplos, moventes, materiais (fixos) e sensíveis (relacionais). Por outro lado – como modo de produção – a rede é meio de se constituir e de existir desse professor. É a forma como cria vínculos com a produção artística, com a arte como área do conhecimento, com a história, a cultura e nela se constitui por inventar e provocar experiências, agenciando interações entre os sujeitos, objetos e o espaço.

Espaço é, portanto, um termo relevante para a construção do conceito de professor em rede, pois ganha uma dimensão subjetiva quando compreendido como lugar construído e não, pré-existente, e integralmente material. Corrobora com a noção de espaço de criação, tendo em vista a concepção de espaço como lugar produzido pelas ações dos corpos (Henri Lefebvre, 2006). Essa conexão entre ações e subjetividades define a dimensão da experiência e a construção do espaço.

É por este viés que o conceito de professor em rede se constitui e é operado como dispositivo para reflexões sobre a experiência do conhecer em arte com outros no espaço, envolvendo a produção do conhecimento na diferença, a identificação do

lugar e as reflexões sobre arte como uma produção do conhecer de si e do mundo.

Articulação dos conceitos

A partir do processo do professor em rede, e da noção de espaço de criação, apresentamos um relato, pelo qual procuramos evidenciar que a articulação do pensamento em arte nos dias atuais, ganha potência quando adentramos os meandros da produção artística, ou seja, não há como narrar a história, ou apresentar processo de artista sem investir no jogo das relações que envolvem ações e espaços, o qual se torna possível por meio de um conhecimento experimentado, vivido e tecido nos fios da experiência.

Recursos do professor em rede: Aula em mobilidade (acervo biblioteca)

Em experiência vivida com as alunas de História da arte no Brasil, dessa vez abordando um dos percursos em mobilidade do professor em rede. Nela a aula iniciada no contexto de sala, ganhou sequência em outros espaços, produzindo novos olhares, novas interações e reflexões.

A experiência ocorreu na época em que os estudos de História da arte no Brasil já haviam passado pelo período da Missão Francesa no início do século XIX, quando essa comitiva de artistas viajantes veio ao Brasil para instituir o ensino acadêmico em arte. Na época as alunas estudavam os pintores de paisagem, ou seja, os aprendizes dos mestres franceses que ao passarem pelo ensino acadêmico, experimentaram viagens de estudos na Europa, voltando ao país como professores da Escola Imperial de Belas Artes. Mas dessa vez, exercitando um gênero pouco valorizado na academia, por alimentar nos artistas o desejo de deixar o ateliê e experimentar o mundo: a pintura de paisagem.

Ocorreu ao professor em rede propor uma visita a Biblioteca Matarazzo, uma coleção de livros históricos e artísticos raros que havia sido recentemente adquirida pela Fundação Edson Queiroz em Fortaleza. E assim, o convite proposto pelo professor em rede foi aceito pelas alunas que comprometidas chegaram todas ao local no dia e hora marcados. Ao chegar foram recebidos pela curadora do acervo da biblioteca, que procurada com antecedência pelo professor em rede

disponibilizou os livros mais relevantes para aquela aula-visita. E ali juntos, escutaram explicações, interagiram com a curadora e principalmente com aquele acervo, formado por verdadeiras obras vivas.



Sala central da Biblioteca Matarazzo na Fundação Edson Queiroz, Fortaleza (CE)

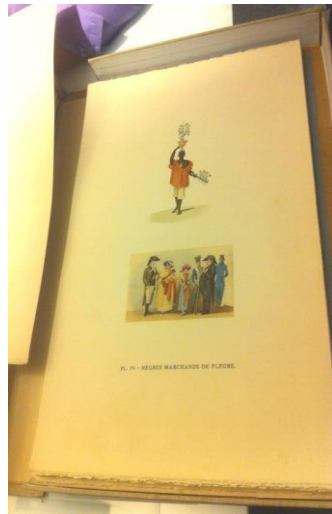
Naquele espaço puderam ver livros originais e primeiras edições das publicações de artistas viajantes que estudaram nas aulas, como Johann Moritz Rugendas (1802-1858) e Philipp Von Martius (1794-1898). Artistas que vieram ao Brasil no século XIX para realizar documentações de nossa fauna e flora, legítimos registros científicos realizados através da perfeição do desenho, preenchido pela cor, quando transferidos para as técnicas de gravura em metal. Algumas recebiam um tratamento de preenchimento de cor após o processo de gravação, ganhando, assim, um colorido mais diversificado e apurado que a técnica da gravura não produzia.

Foi um processo revelador, pois estar ali diante das obras, manuseando fisicamente os livros, lendo os textos, observando as ilustrações, ouvindo a curadora, gerava uma experiência cognitiva e estética que somente a visualização das imagens digitais na sala de aula não era capaz de produzir. Foi também um processo de reviver o conteúdo, pois olhar fisicamente para as imagens originais fez notar detalhes que apontavam para as singularidades da estética de cada artista, mesmo quando suas motivações eram semelhantes. É o caso de Rugendas e Jean-Baptiste Debret (1768-1848), pintores de gênero, cujo intuito nas suas produções consistia em documentar e registrar a vida social da população colonial.



Professor em rede e alunas com obras de Johann Moritz Rugendas e Jean Baptist-Debret. Fundação Edson Queiroz. Fortaleza (CE)

Diante das visualidades desses dois artistas, as alunas puderam tecer relações outras entre as duas produções. Perceberam em Rugendas, o rigor de um desenho mais detalhista e sua preferência em retratar a vida, os hábitos e o cotidiano de índios e escravos. Já em Debret, verificaram um traço menos rigoroso e um interesse maior em representar uma crônica social da burguesia e da realeza. A grande surpresa veio exatamente desse último artista viajante, Jean-Baptiste Debret, quando a curadora da biblioteca nos apresentou o livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, editado por Raymundo de Castro Maya em 1954. Uma obra reconstituída por este colecionador que percorreu um longo caminho reunindo as pranchas originais das gravuras de Debret espalhadas pelo Brasil e mundo afora, não inseridas na primeira edição publicada pelo pintor, quando após a Missão Francesa, retorna a Paris no século XIX. Uma verdadeira raridade!



Edição original do Livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*
De Jean-Baptiste Debret, editado por Raymundo Castro Maya (1954)

Ali a rede relacional ganhou potência, na forma como os discursos foram tecidos em conjunto, as reflexões fortalecidas pela presença das obras manipuladas pelo gesto das alunas, reativando memórias e aprendizados anteriores, tornando a experiência do conhecer mais rica, viva e prazerosa.

Uma experiência que se complexificou na saída da Biblioteca Matarazzo, onde as alunas e o professor em rede se depararam com um corredor repleto de pinturas de artistas brasileiros acadêmicos, modernos e contemporâneos. Onde parte da coleção de pintura da Fundação Edson Queiroz estava disposta, sem critérios estéticos, cronológicos ou qualquer hierarquia. Exatamente por isso, os diálogos entre as obras se abriam às possibilidades.

E como presente do acaso, a pintura de paisagem, tema daquela fase dos estudos das alunas, se apresentava para todos de forma generosa e exuberante. Aproximando as obras através de diálogos visuais percorridos pelo olhar e pelo deslocamento no espaço, o que fortaleceu a interação entre alunas, obras e o professor em rede. Cada passo apontava para um outro olhar, um novo aspecto, uma nova relação, sempre na direção da produção de vínculos de sentidos que eram tecidos naquela experiência de produção do conhecer com o espaço.

Nessa experiência, o espaço foi fundamental para a produção do conhecimento. Principalmente devido a suas características de mobilidade: lugar de passagem e

reservatório de visualidades em temporalidades diversas, que provocaram a observação em fluxos contínuos e recursivos. Uma produção do conhecimento agenciada pela interatividade entre sujeitos e as obras. Foram essas características e condições singulares daquele corredor que provocaram nas observadoras reações autopoieticas aos estímulos provocados, levando a um conhecer agenciado com e no espaço. Nesse sentido, aproximamos a experiência ao conceito de *autopoiese* de Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), como um funcionamento presente em todos os seres vivos, o condicionando a funcionar como estrutura autônoma, reproduzindo, e identificando a si mesmo, num processo de troca de energias entre sua estrutura e meio que os circundam.



Professor em rede e alunas. Percurso em mobilidade no corredor da Fundação Edson Queiroz. Fortaleza (CE)

Nesse processo vivido verificou-se que subjetivação, produção do conhecer e do espaço emergiram juntos. Todos como partes inseparáveis do mesmo contexto. Uma inseparabilidade que remete às questões iniciais que levaram a pensar o processo do professor em rede como emergência para ensino em arte. Tendo em vista que seus processos cognitivos buscam tecer laços estreitos com uma rede de relações que envolvem a experiência, o espaço, obras, imagens, processos de artistas, história da arte, e muitos outros elementos que compõe o todo, o todo e as partes. Aspectos ativados pela dinamicidade da rede como ambiente complexo capaz de unir coisas. Aonde apontamos para a ideia de complexo de Edgar Morin que explica *complexus* como aquilo que “foi tecido junto”, onde cada uma das partes, juntas forma um “tecido interdependente, interativo e inter-retroativo”. E por

assim ser constituído, é um ambiente gerado e gerador de tais experiências do conhecer em arte, agenciadas como outros e com o espaço (MORIN, 2000, p.38).

Considerações finais

Os estudos sobre processo, como proposto por Salles, oferecem subsídios para pensar o processo do professor em rede, potencializar os sentidos da produção do conhecer em arte nos fluxos contínuos das relações produzidas nas experiências no e com o espaço, bem como, subsídios para ampliar as discussões sobre o ensino de arte. Pelo viés da noção de registro e a possibilidade de uma reflexão crítica sobre os espaços engendrados pela criação artística, podemos pensar o ensino de arte a partir das dinâmicas da produção da arte contemporânea. Ou seja, os estudos dos processos artísticos, possibilitam alinhar as dinâmicas do fazer e do pensar em uma perspectiva contemporânea.

As experiências em museus, galerias, feiras e acervos de arte, ateliês, bibliotecas, promove a desconstrução da sala de aula e a reconfigura nesse e noutros inusitados espaços; o que inclui, potencialmente, todos aqueles espaços tocados pelos pensamentos e ações do artista e pelas reflexões feitas sobre eles. A noção de aulas em mobilidade – como sinônimo de experiência - acolhe o acaso, as dinâmicas do cotidiano e o pensamento colaborativo na construção de sentidos através da arte. Ou seja, os processos do professor em rede se traduzem como um convite aos participantes para uma aula, ou encontro, na intensão de construir um espaço de produção do conhecimento, um contexto de partilha de experiências. Todos esses três contextos perfazem o processo desse professor, reforçando os laços das interconexões em rede, como uma produção de sentido em cadeia, onde uma ação se complementa na outra e contiguamente nas falas e ações seguintes, atribuindo ao processo um sentido de inacabamento, reafirmando sua dimensão processual e de construção continuada.

Referências

BONDÍÁ, Jorge L. *Notas sobre o saber da experiência*. Conferencia proferida no I Seminário

Internacional de Educação de Campinas. Publicada na Revista Brasileira de Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. *Outros espaços (conferências no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967)*. Architecture, mouvement, continuité, N. 25, p. 46-49, 1984.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

MATURANA, Humberto; VARELA, F.J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Workshops, 2001.

MORIN, Edgar. *Complexidade e liberdade*. Ensaios THOT. São Paulo: Associação Palas Athena. N.. 67, p.12-19, 1998

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SALLES, Cecília A. *Redes de Criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

_____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Intermeios. 2013.

Claudia Marinho

Mestre e doutora pelo Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires (2009). Atuou como professora do curso de Mestrado em Design na Universidade Anhembi Morumbi e atualmente é professora do curso de Design da Universidade Federal do Ceará no Mestrado Acadêmico em Artes e é professora colaboradora do Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo e Design, na Universidade Federal de Fortaleza. Desenvolve atualmente pesquisas com foco nos processos da arte e do design e as relações entre arte, ciência e tecnologia.

Luciana Eloy

Mestranda do Programa de Mestrado Acadêmico em Artes da Universidade Federal do Ceará – UFC. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Fortaleza. Participou como orientadora da formação de mediação cultural no Espaço Cultural da Fundação Edson Queiroz em 2013 e 2014 e atualmente ministra cursos livres de História da Arte no Brasil. Desenvolve no Mestrado em Artes uma pesquisa que envolve a produção do conhecimento em arte em interação aos processos de criação em arte, observados sob uma perspectiva processual.